



RESUMO

Este artigo tem como objetivo relatar estudo sobre processos de construção teórica em sua faceta formativa, envolvendo a práxis pedagógica da leitura e escrita, no horizonte do vínculo entre a produção teórica e educação. O cerne desse estudo é constituído de análises de artigos de pesquisa circulados no congresso da Associação Nacional de Pesquisa em Educação. Fundamenta-se em autores e perspectivas consonantes para realizar pesquisa teórica *stricto sensu*. Em contato com o conjunto de textos aprovados no congresso, selecionados pelos temas currículo e formação de professores, sistematizando e (re)criando categorias, escreveu-se a experiência em diálogo com autores como Paulo Freire, - a leitura de mundo e a ética da pesquisa participante; Jorge Larrosa, com ensaio, acontecimento e experiência da leitura e escrita e, pesquisadores brasileiros que atualmente lecionam, como Carlos Rodrigues Brandão, Pedro Demo, Sílvio Sánchez Gamboa, Marcos Reigota, Tomaz Tadeu da Silva, Marisa Vorraber Costa e Carlos Walter Porto-Goncalves. O trabalho empenhou-se em criar elos textuais entre uma educação multidimensional integradora e a valorização dos processos e meios, aumentando o seu repertório e qualificando o conjunto de conhecimentos nas intenções da teorização. Se há na formação de professores o paradigma do produto, que burocratiza e formaliza, há também o desejo do processo e da mediação. Conclui-se sobre a necessidade de promover a práxis e a decorrente teorização como discursividade e circulação de saberes nos currículos, e, com isto, contribuir para uma justiça epistêmica devida à educação, à ciência atual. Uma ciência que não seja "neutra" nem engajada individualmente, que nos convida a acionar ênfases em favor das minorias majoritárias.

Palavras-chave: Formação de professores, currículo, pesquisa, práxis, circulação de saberes.

INTRODUÇÃO

O trabalho trata de estudo baseado em investigação *stricto sensu* em Educação, recortando sua amplitude para dialogar com evento de circulação de saberes, diálogos e difusão científica. Na pesquisa procuramos estabelecer diálogos virtuais e praticar interação discursiva com artigos de um encontro de investigação. Em busca de uma "comunidade argumentativa", elegemos o sítio eletrônico da ANPED, - Associação Nacional de pesquisa em educação, onde estão disponíveis os artigos publicizados (circulados) anualmente por grupos de trabalho; inspiramo-nos tomando como hipótese uma representatividade modelar deste evento em relação à pesquisa e à educação – na atualidade brasileira.

Entendemos que este arrazoado seja exemplo de abordagem útil à esfera social, pois estudos deste tipo valorizam os momentos praticados no decurso dos projetos e a experiência performativa da linguagem na constituição da existência. Por conseguinte, torna-se coerente buscar valor nas práticas de articulações textuais; que podem ser pensadas no sentido de "etapa" da pesquisa, da educação e da vida. A teorização nesta pesquisa foi proposta no sentido de prática social discursiva



da cultura verbal, buscando situar-se nos movimentos entre os momentos de predominância oral, reflexiva e escrita. Pretendemos criar exemplo em fomentar práticas de teorização em educação que valorize a metodologia e a mediação da construção do conhecimento, alternativa à memorização de informações estanques em disciplinas no currículo escolar. O currículo é pauta para o ensino em todos os âmbitos institucionais e condição *sine qua non* para a formação de professores. Assim, a noção de currículo escolar refere-se ao âmbito da educação, no seu aspecto sistematizado, intencional, contratual e regulamentado, mas também a todo aspecto formativo, cultural e da atualidade dos sujeitos, bem como aos movimentos e mudanças da esfera terrestre. Na busca de contextualizar materialmente a realidade, o termo Ecosfera representa bem a interdependência dos âmbitos sociais e ambientais. Em razão das interligações, a escola é entendida enquanto educação escolar, sabiamente constante na atual LDB como ambiente do ensino dos anos iniciais até o ensino superior, e deste modo, extravasa a divisão estanque em níveis. A escolaridade, qual seja, é mundana. Para negar a centralidade do adiamento, da espera (preparar para a vida e para o mercado lá fora) e da certificação, seria preciso construir em torno da noção de pesquisa elos que conferissem relevância ao movimento da subjetividade do estudante, aproximando-se da educação no sentido de tonificar sua dimensão formativa.

Se na educação os movimentos e os processos, fortemente ligados ao presente, são tão importantes quanto os seus resultados e produtos, inarredavelmente ligados ao passado, temos um paradigma que necessita vicejar. Seguindo estes pressupostos, evidentemente, a linguagem é imprescindível nos processos educativos, e para os limites do estudo será intensamente abordada como cultura verbal. A pesquisa, especialmente nas ciências humanas e sociais, em suas características filosóficas também é narrativa perto do movimento, trama heurística porque processo da cultura verbal vitalizada na ação nascente. Ato, gesto e atitude que descobre e cria na prática da leitura e da escrita, entre muitas práticas que acontecem nas discussões e convívios dos *espaços tempos* da educação. Por essa perspectiva, acadêmica ou não, a pesquisa não seria apenas meio para a construção de conhecimentos, mas força vital e coesiva da complexidade da educação. Dessa maneira, podemos dizer que a pesquisa seja paradigma para a educação, do mesmo modo que a educação é para a pesquisa.

Existem investigações parciais e especializadas, não obstante, elas são justificáveis por comporem um espectro da produção científica e poderem se articular, porém, há algo de prejudicial em pressupor que estes estudos sejam mais importantes para a formação humana e para a economia. Frequentemente não aparecem nelas a divisão alienada no trabalho, a sua descontextualização, nem os rastros do processo que necessitaram ignorar certos impactos, riscos e consequências imprevisíveis. Na educação contemporânea a ética e a política nos impõem a questão: ciência para quem? O tradicionalismo da educação, sendo mais grave no ensino superior sacralizava liturgicamente os produtos e ratificava próceres. Em outro sentido, necessitamos educar para praticar e difundir a ci-



dadania e desta forma diminuir radicalmente a heteronomia, a incoerência e as assimetrias políticas localizadas numa minoria populacional que intenta controlar um efetivo global. Esta investigação procurou construir uma prática discursiva por meio de pesquisa de modalidade predominantemente teórica – guiando-se por perspectivas científicas, filosóficas e culturais contemporâneas, criando na sua metodologia um percurso simbólico análogo ao processo em devir, no qual a experimentação é um jogo sensorial, que propicia aprendizagens formativas –úteis, consequentes e duradouras. De certo, não entendemos que a teoria seja igual a prática, e nem tanto, como momentos que se sucedem antagonicamente. Por isso, seria preciso construir em torno da noção de pesquisa que conferisse relevância ao movimento da subjetividade do estudante, aproximando-se da educação no sentido de qualificar sua dimensão formativa.

A diretriz, que nos moveu, - e/ou a perseguimos-, está em supor a produção de teoria como prática social formativa, a partir do exercício da cultura verbal, uma política da presença e da participação, resistindo inversamente ao hierárquico, representativo e normatizador, que na atualidade reduzem a educação [política] em administração, tecnicismo e burocracia. Não obstante, sob outra matriz, buscamos o acontecimento da subjetividade nesta ação de pesquisar, tornando sua metodologia como uma constante (re) escritura e (re) leitura. A educação, talvez como significante ou representação, convida-nos a pensar em relação à pesquisa neste estudo tensionando “o seu lugar”. Não queremos dizer com isto que todas as pesquisas são iguais, é claro - e, que elas não têm níveis a que se reportar. Entretanto, os níveis têm muito de convenção institucional, por entre diferentes concepções de ciência. Por isso, o conhecimento [abordado em sua faceta cultural] sugere a ênfase que queremos dar numa educação [cultural e formativa].

A PERSPECTIVAÇÃO TEÓRICO-AUTORAL

Explicam-se as problematizações para formar o processo de contextualização desta pesquisa. Tensão do holos, vemos a problematização como uma forma de expor parte da complexidade, não rigorosamente centrada no sujeito educador, e tampouco nos costumes disciplinares. Teorização vigorosa nos esforços, ao contrário da ambição de alcance irrestrito, são algumas maneiras encontradas de estabelecer os limites, - ao mesmo tempo arguir e criar lacunas para a mobilidade reconstrutiva da discursividade.

Quais cenários enfrentam a arte, filosofia, literatura, ou se quisermos, a cultura, para obter custeamento de estudos ou estudantes frente à manutenção da hegemonia das pesquisas comportamentalistas e de seu rigor formalista? Numa concepção relativizadora e presente, torna-se mais fácil visualizar o modo como as psicologias científicas objetificam seus sujeitos para obter seus produtos, professando/sustentando um paradigma elitista, patriarcal e discriminador, prendendo os esforços da população brasileira numa mentalidade colonialista, e na “prolongada república procla-



mada” – um Estado, que engendra governos e partidos que separam seus interesses da população. Num outro sentido, se deslocarmos a ênfase em direção à compensação, seria possível, minimamente, reintegrar o processo no produto? Problematizar o conhecimento sem seus processos transformando-os em conteúdos descontextualizados, - como trunfo do tecnicismo na pedagogia. Seguimos a educação, evidenciada em sua politicidade, ao horizontalizar a formação. Espriar a equalização, desfetichizar a administração ao praticar uma educação cultural, onde os outros do processo, não sejam fases superadas pela “ponta motriz” de uma história contínua e etnocêntrica.

Em contato com o conjunto de textos aprovados no congresso, selecionados pelos temas currículo e formação de professores, sistematizando e (re) criando categorias, escreveu-se a experiência em diálogo com autores como Paulo Freire, - a leitura de mundo e a ética da pesquisa participante; Jorge Larrosa, com ensaio, acontecimento e experiência da leitura e escrita e, pesquisadores brasileiros que atualmente lecionam, como Carlos Rodrigues Brandão, Pedro Demo, Sílvio Sánchez Gamboa, Marcos Reigota, Tomaz Tadeu da Silva, Marisa Vorraber Costa e Carlos Walter Porto-Gonçalves. Os conceitos de ecologia, meio ambiente também foram amparados por Eugene Odum. A cientificidade na pós-modernidade em Boaventura de Sousa Santos. Além de textos clássicos em educação, aproximou-se o arrazoado com as teorizações de Karl Marx, Friedrich Nietzsche, e Michel Foucault, convergindo na cosmovisão deste estudo.

Sob esta égide constelar, tecemos algumas problematizações. A existência pode ser inicialmente entendida, no sentido da confluência e conflito dos efeitos de todas as interações, culturais, biológicas, contingências, necessidades, acontecimentos com/nas/das pessoas. Portanto, também significaria o todo inapreensível de uma vida. Trabalhamos no contexto, nas noções de conjunturas trazidas, na recusa dos caminhos liberais, belicistas, tecnoindustrialistas, da economia capitalista mundializada, dos Estados de Direito, corporativos e nacionalistas. Diante das merco-religiões e mídias invasivas, por que acreditar numa educação [multidimensional]? Qual a necessidade deste adjetivo, não seria uma redundância? E o que esta educação tem a ver com uma epistemologia heterodoxa e heterotópica, isto é, aquela que organiza seu campo diferentemente da hierarquização autocrática dos campos serventes às tecnologias industrialistas consumo belicistas, oferecendo como outra via que possa ser “um anarquismo utópico aplicável”, contra a cristalização do poder nas elites, e de todos os mecanismos sociais de manipulação, controle e dominação.

Por tal conjuntura, é possível inferir que um efetivo contingente de cientistas não possui no seu currículo escolar, métodos, conteúdos e teorizações que os possibilitassem uma percepção mais complexa, atualizada e coerente da expressão do humano. Assim, devemos cobrar dos processos, múltiplas expressões da saúde, alegria e afetuosidade. Fruição humanitária, aberta ao diferente, flexível, porém irreduzível a tudo o que não pode ser o humano. Aproximamos à noção de epistemologia social que relativiza o conhecimento, como experimento de práticas de funcionamento da discursividade e da cultura, junto às contribuições dos estudos em linguagem (POPKEWITZ, 2003).



Nesse sentido, propusemos praticar pequena filosofia ao questionar e diferir por outra significação de ciência quando fechada no paradigma da modernidade. Pois, se faz necessário teorizar como prática cultural em direção a uma ciência que cobra contextualização, posicionamento e processo, conferindo valor [ecossocial] ao pensamento, a linguagem e a cultura. Uma educação cultural? Este é um dos elos da educação com uma concepção de ciência contemporânea.

METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS

Desejamos praticar educação sensível, lutando pela construção consciente de contextos, desalienada e aprendiz em busca do seu tempo. Uma totalidade sistematizada e interdependente, a sociedade como um todo intermediando a participação, - participar fazendo parte dos elementos férteis da Ecosfera, em direção a um mundo mais justo, cuidadoso, e, menos sofrido e degradador. Sob o paradigma da modernidade o produto de um processo pode não representar bem, um todo, os meios, liames e conexões. Sendo assim, como imaginar fazer parte de um processo coerente com a prudência, a pausa e a reversão? Diante da trama exposta, uma saída tem sido "ocupar" espaços tempos educativos, relacionarmos-nos com a escola sem sucumbir ao dentro/fora/dentro, pertence/não pertence, baixo/cima/baixo, exemplos de pares antípodas (da modernidade). Como mover processos e "convocar" seus sujeitos? Afinal, participação, numa perspectiva de autonomia solidária, não é adesão. Práticas sociais do convívio e cotidiano, por exemplo, são esferas da formação intersubjetiva que "acionam", propiciam e/ou motivam a participação dos sujeitos em seus movimentos existenciais.

Nos contextos contemporâneos, a política viciosa, advinda do modelo oligárquico profissional, certamente será inimiga de uma educação formativa no, para o, sobre o meio ambiente. Evidentemente, mantém-se para alienar dos processos da vida ou expropriar pessoas da participação do mundo. Nessa mesma esteira o consumismo e a competição visam fragmentar consciências, docilizar a população, criar apatia e indiferença. Sob uma égide tecnicista, particionando administração da amplitude da presença da população, reduzindo a dimensão política ao vértice de sua situação. Com efeito, uma situação privilegiada, corolário, não pode se estender ao todo. Perguntamo-nos que relações podem existir entre escola e a epistemologia da educação? A escola, pouco se fala com ela, muito se fala dela ou por ela. Destoantes intensidades, dissonantes. Cumpre reparar danos. Nada de oposição unívoca, mas utilidade e balanceamento. Entendemos que este "objeto" de estudo, esta tessitura com muitas variantes, por seu caráter construído, por seu tangenciamento de ensaio-experimento, poderia ser proposto como horizonte de tematização. Não como coisa capturável ou apanhável, mas como esferas de discursividade que oscilam e eventualmente se agrupam em padrão rizomeiro. O rizoma é proliferante e multidirecional. De acordo com Deleuze e Guattari (2007), "o rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramifica-



da em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos”. Entendemos o rizoma como metáfora criativa e de convívio político em oposição à metáfora da raiz pivotante, - esta baseada na hierarquia disciplinar e no evolucionismo social, onde a compreensão da realidade é primazia da ufana ciência moderna - industrialista do capitalismo mundial integrado.

Em contato com as superfícies dos textos e seus elementos como participações intertextuais propomos entendimentos por tematização criando sentidos aos estudos que não se determinaram lineares; crítico-criativamente. A linguagem trabalhando em resistir ao enfoque da análise irradiante unidirecional, se dispondo a pensar por temas, enquanto interliga a percepção da existência, que se configura e tem seus desejos e necessidades como motivadores. A teorização remete à palavra teorizar - ação linguística plausível em relação ao tempo, aos espaços tempos; verbo “transitivo e intransitivo”, ato de escrever e ler por onde existe validade de teorizar, porque ação em si, - no modo de ação social comunicativa, - que não se opõe à prática, mas sim à noção de doutrina. O processo de delimitação necessitaria dimensionar o alcance a abrangência de discussão em relação ao universo de textos nos artigos que são disponibilizados no sítio da ANPED. Tal conjunto, buscaria sua delimitação entre os GTs - Grupos de Trabalho - Currículo e Formação de Professores, justificando-se tal escolha por serem temáticas centrais do estudo e por serem reconhecidas áreas como imprescindíveis e caracterizadoras da educação.

Para os procedimentos em relação ao campo delimitado foram necessárias quatro etapas interdependentes: escolha de artigos por amostragem intencional, privilegiando artigos que se referissem ao binômio formação-currículo; contextualização da produção teórica em direção aos artigos da ANPED; análise compreensiva, sob o tensionamento da teorização em educação, seleção de trechos mais significativos e nova aproximação compreensiva em relação a uma induzida comunidade autoral contemporânea. Estas etapas foram transversalizadas pelas temáticas contextualização, circulação de saberes, metodologia e práxis em epistemologia da educação. Na sua concepção metodológica atinente à comunidade autoral, procurando não ser fundacionista, há um esforço em considerar os caminhos escolhidos sob uma cientificidade filosófica desde os passos mais iniciais do seu projeto e planejamento. Por isto, esta pesquisa experimentou diferentes aproximações, confirmações e questionamentos no percurso teorizador, tendo dialogado com quatro artigos e múltiplos autores e intertextos compreendidos neles. Se as afinidades conceituais, temáticas e linguísticas permitiram os diálogos, em sua possibilidade de realização na amplitude do pretendido e do que foi possível, elas também, naquilo que não é coincidente ou harmônico, levaram aos rumos de novas teorizações.

RESULTADOS E CONCLUSÕES

O exercício da teorização se articula com a constituição da existência. Torna-se um



modo de relação entre aprendizagem e subjetivação. Para tentar compreender minimamente algumas conexões possíveis entre cultura verbal e a constituição da existência cabe realizar estudos dos movimentos da construção do conhecimento/subjetivação. O GT Formação de professores de maneira semelhante o GT currículo, com seus panoramas diversificados e atuais, se relaciona com a complexidade da teorização social, da tessitura intertextual, portanto, faz parte significativa das práticas pedagógicas e da performatividade da cultura verbal. No processo de teorização, no horizonte da educação multidimensional buscamos interagir com parte das comunicações circuladas. O estado dos currículos sob paradigmas elitistas e reducionistas mostra-se como desafio à formação de professores. O entendimento de escola manifestado parece convergir com noções contemporâneas de meio ambiente e de educação multidimensional numa sociedade historicamente situada que subsidiou estes trabalhos.

A formação continuada pode acontecer por meio de pesquisa em comunidades colaborativas. Esta perspectiva, em sua prática, contribui à educação contemporânea, além do ensino e da sala de aula, por circular mais um trabalho de professoras, numa tendência inovadora de equipe, que expressa um politicidade próxima da gestão, da negociação e avaliação das regras de acordo em vigência, por meio do enfoque do cotidiano. Dessa forma, a vivência política é parte indissociável do processo de formação humana. Porém, nas instituições é comum a prática de hipertrofiar as esferas técnicas e formais e esmaecer a educação cotidiana obstaculizando a democratização cultural e política. Na esteira de forças, usa-se minar a dimensão pedagógica em base à normatização e a hierarquia. De maneira alternativa, através de seu exemplo, o grupo defende que reuniões de área podem ser assumidas do ponto de vista da análise do cotidiano, não apenas estrita aos ditames da burocracia regimental da escola, da interpelação e da diretividade normativa. Em contraste, um coletivo horizontalizado traz a potência do cotidiano na formação de professores e professoras, que entendemos muito próxima da movimentação histórica contemporânea. Ainda convergem com a noção de meio ambiente coerente com a cultura verbal rizomeira. Sob a compreensão de reversibilidade e balanceamento de ênfases, estes estudos convergem com o universo temático e com a abordagem da educação realizada na criação da cultura verbal do processo de pesquisar. E nos indica que produz educação e se organiza nas perspectivas convergentes das comunidades de aprendizagem, interpretativas e compartilhadas, onde a liderança é percebida como pressuposto de uma formação continuada e colaborativa. Em alternativa ao modelo administrativo vertical e externalista.

Em síntese, nesta teorização entrelaçamos exemplos de trilhas da pesquisa em educação, que fazem parte do currículo, das escolas e das instituições, um pequeno e intenso acercamento da complexidade, este tecer juntas rumo à incompletude, ao por fazer, e, ao mesmo tempo, urgentemente cuidar. Por isso, a formação multidimensional, concebida por noções éticas e estéticas, diz a respeito ao meio ambiente, ao que viceja nestes tempos. O meio, o processo viabilizam-se como



emblemas do presente, onde acontece a vida. Mas pode saber-se como condição da vida, e, portanto, a vida no seu acontecimento. Então, por meio desta discursividade experimentamos uma abordagem voltada para o momento de criação, de reconstrução do conhecimento. Por esse caminho nos movemos, ao questionar práticas redutoras de ciência, de conhecimento, de sociedade, - nas proximidades da textualidade, nas trajetórias dos debates, no horizonte da circulação e divulgação de conhecimentos. Com os cuidados da prudência e das dívidas com a degradação, opressão e sofrimento que se mantiveram ao longo das gerações. Contexto e problematização foram utilizados para construir caminhos alternativos ao modelo que embasa o desenvolvimentismo economicista. Teorizamos historicamente pressupondo sabermos bastante por onde não ir, o que não fazer, - ao mesmo tempo criando abertura e tecendo a vida discursiva, e assim, recriando conhecimentos e culturas. Isto motivaria a pensar no universo ético e estético da pesquisa, relacionar os projetos e acordos sociais, com entendimentos e consensos sobre a interdependência e implicação do mundo existente para sociedades possíveis e agirmos em relação à totalidade interligada e sensível, como uma Ecosfera.

Pensamos ser possível responder à pergunta do forte consenso profissional sobre a necessidade de fortalecer o liame educação e pesquisa, buscando uma compreensão de ciência adequada aos tempos atuais, tencionando-a discursivamente por conhecimentos e saberes da totalidade, problematizando a linguagem como mediadora e ao mesmo tempo recriando-a em parte (como sempre fazemos ao reutilizar signos de outros contextos). Num mesmo empenho trabalhamos para romper com os binarismos utilizando tecnologia social, inspirados na educação múltipla, complexa, integrada, - e nas práxis da linguagem em construção histórica. A julgar por essas ideias, podemos aproximar a teorização das práxis educativas escolares, resistindo heterodoxamente às hierarquias e poderes de mando arbitrados na lógica colonial. Ao produzir nos desdobramentos da ciência, nos espaços e meios de circulação de [seus?] saberes realizamos exemplo de inclusão de práticas da cultura verbal como um mínimo de impacto aos sujeitos da educação. O processo é a memória de cálculo ou a avaliação da receita nas práxis. Pode avançar, mesmo não sendo uma sucessão de eventos de causa e efeito. Colocar em foco o que estava na sombra, o valor disto está em praticar educação associada à pesquisa que desaliena os efeitos formativos cientificistas na ação profissional docente e discente. Na queda da mitologia e do mandonismo acercamos a epistemologia social que relativiza e estranha o conhecimento, como experimento de práticas de funcionamento da discursividade e da cultura, junto às contribuições dos estudos em linguagem.

Nesse sentido, a epistemologia social sugere novas fontes de cientificidade. No presente texto, é tida como fonte ao teorizar e praticar na busca de descobertas ou criações intertextuais aproximando coerência sistêmica e cultura na sua metodologia. Trata-se, desta maneira, de teorização na práxis, expor o percurso e incrustar no produto, uma "síntese cubista", uma decomposição-montagem que não se resume ao risco reto do princípio, meio e fim. Tal esforço convida as pessoas a



vivenciar conscientização/sensibilização, participar historicamente da interlocução contemporânea e incorporar no currículo a cultura verbal do conhecimento e do cuidado de si e dos outros, balancear a favor da metodologia e do processo como configuração de um horizonte multidimensional formativo. Propomos não encarcerar o conceito de ciência na modernidade, numa definição conservadora, denotativa e fundacionista, experienciando um enfoque educativo, pondo tal significante em ação contingente e oscilante, sugerindo uma construção ética-estética.

Perguntamos desde o começo: Qual o valor de tudo o que se passa para o processo de pesquisar? Em suma, praticamente conhecermos os movimentos históricos da ciência e do conhecimento sob o enfoque da educação, da influência da metodologia em ensaio e experiência inclinada a participar dos interesses coletivos para um mundo possível. Consideramos que participar dos processos educativos pode fortemente desalienar e despertar para os conhecimentos e cuidados da subjetivação e da existência. Estudos de autonomia solidária são estudos que se esforçam por praticar seu processo, - não se eximindo de oferecer um produto aberto, valorizam a metodologia como processualidade imersível consciente/sensível/somática no decurso dos projetos, movendo aprendizagens e registrando/ensaiando experiência de linguagem (fortemente verbal, descontinuamente multissensorial) na constituição da existência. Por isso, pretendemos crivar o relatório com narrativas, entranhar as reflexões a cerca do percurso de pesquisa aliado à formação continuada na práxis docente.

Acreditamos que com o vigor do conhecimento do processo a pesquisa se “materializa” em educação, isto é, a dimensão educativa deste processo de investigar busca construir e ressignificar um acontecimento formativo em direção à “apropriação” humana e histórica. Ao conhecer movimentos da vida decompondo processos, compreendendo certos padrões, podemos desmistificar as miragens publicitárias, e questionar a estereotipação do gosto pelas exigências do consumo, ou mesmo estranhar/rejeitar/desaconselhar a massificação de produtos que negligenciam/escondem os modos e impactos de sua criação; sem contexto e história se impõem em paralaxe feérica na cultura. Os processos de subjetivação necessitam de aproximações vigorosas e coerentes em alternativa ao caos da infosfera, - à expropriação e ao feitiço da publicidade que inculca valores antissociais. A teorização contemporânea aqui abordada pode ser um antídoto ao pragmatismo alienador da docência, à servidão pedagógica (aos mercados e governos...), à propalada dependência científica da educação. Praticar teoria na busca de cientificidade também vem a testemunhar e agir nos rastros das circulações de saberes e de nosso trabalho como seres históricos.

O esforço de trazer o processo pode ser creditado a uma estratégia de inversão/atenuação do poder da tradição conservadora e neoliberal, baseada no binômio ensino-produto, para um balanço pujante em direção aos movimentos reflexivos e acontecimentos da subjetivação. As linhas à montante convidam a uma leitura escrita recíproca e empática à metodologia que foi praticada no próprio relato presente. Produzir literatura científica de modo “parlamentar” engajando discursi-



vidade histórica pós-moderna, firmando o valor idiográfico da práxis pedagógica articuladora num campo que em parte vem tendendo ao salvacionismo, ao comportamentalismo - apostando em direção à competição populacional como fator de mobilidade social, acumulatividade, crescimento e evolução. Esta teorização de matriz educativa utiliza os movimentos da linguagem e da epistemologia pedagógica tecendo-se entre contextos e problemas mundanos atuais. Expressa seus estudos enfatizando o movimento e a ação, a enunciação na tratativa da comunicação, convida a pensar a formação continuada em relações com o currículo e, também a conceber pesquisa e educação como maneiras de ser e criar - ao resistir à mecanização e a mercantilização da construção de realidades. Este trabalho conclui que a experiência da construção de conhecimentos e saberes se movimentando interativamente nos meios sociais é uma maneira de ensinar, ensaiar e exercer um outro tipo de "currículo" nos processos de pesquisa. Em composições de visibilidade podemos criar mais esforços críticos/criativos ao modelo do poder e do capital e [sendo] criativos, participando, fazendo, vivenciando aprendizagem.

Pensamos o ser do texto, a compreensão do texto como movimento de significação e o ser do pesquisador num movimento semelhante, que tem a possibilidade de se perceber e mudar pari passu. A concepção de textualidade que transcende a sua apreensão pode interagir/possibilitar propor questões, mesmas e outras, nos contextos em troca de posição e no movimento da linguagem. Movimento de qualificação do aprendizado social no convívio dos diferentes que se educam. O currículo valorizado como campo pedagógico, pós-disciplinar pode ser pensado de outra forma. Para uma formação multidimensional, faz sentido participar da pauta do currículo. Uma aprendizagem do questionamento e da suspensão que se dirige aberta e experiencial aos processos de contextualização leva a pensar o que está se estudando.

Para haver formação no "sistema de ensino", é necessário conquistar e consolidar mais espaços para a esfera filosófica, estética e cultural, e valorizar os percursos, dilatar ou restringir os tempos interiores, nutrindo estranhamento, abstração e desacomodação. Nos processos da cultura verbal existe um imaginário de diversidades e esperanças, das experiências históricas, das histórias das idéias. Enseja-se para além daquilo que se tem chamado de ensino e progresso, uma educação do ser no mundo. Educação que propicie formação humana existencial multidimensional para um mundo limitado, finito e em mudança. O que não significa difundir um alarmismo paralisante, como apelo publicitário, mas lutando, estudando, uma consciência planetária. Que não pode ser ajudada com um poder administrativo concentrado em disciplinas do reino da tecnocracia consumista e confladora.

Nas flexibilidades do currículo, nas participações dos estudantes dos cursos de formação de professores, inicial ou continuados, são necessárias práticas cooperativas e oportunidades de interlocução comunitária na vivência da cultura verbal. Tais permutas permitem praticar coletivamente métodos que interliguem saberes. A apropriação da escrita, como escrita de si, como possibilidade



de subjetivação e das estruturas metodológicas proliferadoras que podem criar meios de equalização e harmonia, beneficiários da tradição mantenedora da vida. Ler e escrever em socialização possibilita uma libertação mental do caos da infosfera, da poluição, da publicidade, da alienação e hedonismo. Estudar e espriar o tempo interior formativo em contraste com o perigo da reificação comportamental dos sujeitos, o consumismo, a degradação e a guerra.

Compreendemos a teorização como construção histórico-cultural, circulação política de tecnologia formativa: o processo de escrita e leitura, dialógico, (inter)subjetivo e ampliador. Como dissemos ao longo, a ação de pesquisar é formativa para o pesquisador e seus sujeitos de estudo. Possibilita aprender construtivamente, podendo incrementar o grau de coerência entre as relações intersubjetivas, valorizando o tempo presente na participação cultural, política e histórica da composição do mundo. Práxis pedagógica como uma ação social que afasta-se do paradigma elitista e centralizador, da hierarquia da cientificidade fundada nas ciências naturais e exatas, em busca de uma horizontalidade compreensiva para estender sua politicidade. De inspiração rizomeira, tal prática de pesquisa tem efeitos conjunturais ainda pouco considerados e dificilmente mensuráveis, por outro lado, busca exemplos e experiência, testemunha e cria, aliando-se aos caminhos para uma educação espriadora da cultura da autonomia solidária, resistente, renovadora e sustentável.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases – nº 9.394/1996**. In Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio. BSB: MEC, 1999.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. SP: Editora 34, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. RJ: Graal, 1995.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança – um reencontro com a pedagogia do oprimido**. SP: Paz e Terra, 2003.
- GAMBOA, Sívio Sánchez. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias**. SC: Argos, 2007.
- LARROSA, Jorge. **Tecnologias do Eu e Educação**. In SILVA, Tomaz Tadeu da.(Org.) O sujeito da educação - Estudos Foucaultianos. RJ: Vozes, 2000.
- ODUM, Eugene. **Ecologia**. RJ: Interamericana, 1985.
- POPKEWITZ, Thomas, S. **História do currículo, regulação social e poder**. In SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade – Uma introdução às teorias do currículo. MG: Autêntica, 2003.
- REIGOTA, Marcos. **A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna**. SP: Cortez, 2002.
- SANTOS, S. Boaventura. **Um discurso sobre as ciências**. SP: Cortez, 2002.
- VEIGA, Álvaro Júnior. **Produção teórica e teorização em educação a partir da ANPED**. Dissertação (mestrado). Pelotas: UFPEL, 2012.